

Neuroses: Crítica dos Conceitos

*Francisco B. Assumpção Jr.**

O conceito de neurose é um conceito vago, que mudou através dos séculos desde sua primeira utilização em 1769. Na primeira metade deste nosso século, foi utilizado de duas formas diferentes. Uma primeira descrevendo estados ansiosos, obsessivo-compulsivos, fóbicos, histéricos, depressivos, algumas vezes de conteúdo sexual, sempre porém ligados a questão da angústia. Em outra vertente, ligado a condutas repetitivas e mal-adaptadas, principalmente no que se refere ao contacto interpessoal, caracterizado por conflito e sofrimento (Marks, 1973).

Hoje, para Aurelio Buarque de Holanda (1988) corresponde a uma "perturbação mental que não compromete as funções essenciais da personalidade, mantendo o paciente penosa consciência de seu estado".

Essa descrição já por si traz alguns problemas conceituais que consideramos de fundamental importância, ou seja o de perturbação mental, de personalidade e também, o de consciência de seu estado.

Para Ey (1969), são enfermidades da personalidade caracterizadas por conflitos intrapsíquicos que inibem as condutas sociais.

Para ele portanto, produzem mais uma perturbação do equilíbrio interior que uma alteração de seu sistema de realidade.

A primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (apud Wender, 1987) referia que o denominador comum da neurose era a "ansiedade que pode ser (conscientemente) dirigida e expressa, mas passível de ser controlada inconsciente e automaticamente pela utilização de vários mecanismos de defesa psicológicos (depressão, conversão, deslocamento, etc.)...E produzida por uma ameaça oriunda do interior da personalidade, com ou sem estimulação de situações externas como perda de amor, perda de prestígio ou ameaça de lesão".

Estes dois conceitos, bastante diferentes entre si, trazem em seu bojo também alguns postulados sujeitos a uma série de questionamentos. Assim podemos questionar novamente o conceito de personalidade e a seguir o de conflitos intrapsíquicos, de equilíbrio interior, de consciência e inconsciente e de mecanismos de defesa.

Se tomarmos em conta o conceito schneideriano (Schneider, 1976), teremos uma questão ainda mais controversa, embora já com algumas considerações interessantes a serem feitas. Assim, para ele a expressão neurose contradiz seu conteúdo uma vez que "é precisamente uma conquista da Psiquiatria e da Psicopatologia moderna o não tratar de distúrbios nervosos mas sim psíquicos".

É curiosa essa sua expressão pois nos últimos anos, exatamente por uma abordagem materialista e mecanicista da Psiquiatria, somos cada vez mais

RESUMO

O autor critica o conceito de neurose como decorrente da separação do conceito mente-corpo, considerando-o vago e decorrente das visões teóricas a que se acha ligado.

UNITERMOS

Neurose

* Livre docente em Psiquiatria pela USP.

levados a considerar e tratar os distúrbios psíquicos como distúrbios nervosos, embora de funções nervosas "superiores", caindo mais uma vez no dualismo mente-cérebro onde, apoiados na filosofia de Hobbes (Bochenski, 1968), consideramos a existência do corpo como princípio de realidade único.

No lugar do termo neurose, Schneider (1976) utiliza o termo "Reação Vivencial Anormal" como resposta emocional, motivada por um sentimento a uma vivência.

Para tal conceito, continua considerando a estrutura jasperiana de que o estado reativo surge em função de uma vivência causadora, embora não necessariamente em relação causal, em função do que, mesmo quando essa cessa, não necessariamente desaparece sua manifestação.

Em uma revisão sobre o tema em seus aspectos diagnósticos, Vollmer Filho (1984) levanta a questão, a nosso ver de suma importância, de que o conceito de neurose foi utilizado por Freud não para delimitar um grupo sintomático de manifestações psicopatológicas de menor gravidade de um outro - as psicoses - mas sim, para por em evidência a sucessão de mecanismos psicológicos que se constituem para a resolução do conflito psíquico que constitui-se na essência do ser humano.

Assim, para Freud (1967) a "defesa consegue sua intenção de expulsar da consciência a representação intolerável quando a pessoa de que se trata, são até então, íntegra, na qualidade de suas recordações inconscientes, cenas sexuais infantis, e quando a representação que tem de ser expulsa pode ser envolvida, lógica ou associadamente, a tal sucesso infantil".

Novamente temos aqui alguns postulados de fundamental importância para reflexão. Sugere-se a existência de mecanismos intrapsíquicos que contituem o conflito e elaboram sua solução.

Esse modelo, enquanto constructo teórico, é coerente e pode ser utilizado para a abordagem do fenômeno. Entretanto ligá-lo diretamente ao nome torna difícil sua abordagem.

A importância dessas questões é de tal magnitude na delimitação do conceito quando consideramos novamente a questão proposta por Vollmer Filho (1984) quando diz que o diagnóstico das neuroses pode ser feito em três níveis. Um, deles fenomenológico e descritivo, onde "via sintomas, é possível uma aproximação à formulação de hipóteses sobre o conflito psíquico".

É um diagnóstico incompleto. "Outro, onde através de traços de caráter é possível confirmar, ou não, as hipóteses do conflito, integrando com o anterior e possibilitando uma melhor compreensão da realidade psíquica do paciente. E finalmente um que visa a relação do objeto com todo o ambiente circunjacente que com ele interage".

Essas considerações são curiosamente e com um grande viés teórico uma vez que já partem da premissa de que o diagnóstico fenomenológico é limitado meramente a descrição sintomatológica, constituindo aquilo que Jaspers considerou como uma Psicopatologia Descritiva, perdendo assim a concepção husserliana que dá a feno-

menologia a possibilidade de compreensão do fenômeno abolindo suas características factuais somente ao início de sua abordagem (epoché) para depois recuperá-la a partir da captação de sua essência que se constitui numa invariante. Por outro lado traz novamente a questão das relações com mecanismos inconscientes.

Como bem refere Gebattel (1966), parece ser inútil falar de forma determinista de tendências específicas de desejos que determinam manifestações verbais e de conduta, um vez que as tentativas de buscarem-se motivações simplificadas que justifiquem a conduta humana são frequentes e fruto de um pensamento positivista-racionalista. O mesmo autor (Gebattel, 1966) continua referindo que essas tentativas deram lugar a diversas teorias como a do desejo pelo prazer de Bentham, o da conservação de Spencer, o da vitalidade de Schopenhauer, o do desejo de Nietzsche ou do sacrifício de Guyau. Nesse grupo enquadra a mesma teoria de Freud sobre a libido, sobre a qual se estrutura a teoria das neuroses conforme vimos dentro de alguns dos conceitos expostos.

Em realidade falamos de que tipo de fenômeno?

Na verdade, quando falamos de neuroses falamos de um agrupamento heterogêneo de quadros que se estendem desde as manifestações diretas da angústia, descrita por Ey (1969) como neurose indiferenciada, até as chamadas neuroses grandemente diferenciadas que englobam os quadros fóbicos, histéricos e obsessivos.

O agrupamento de quadros tão diversos parece estar ligado diretamente a concepção etiológica, pensada dentro de um dualismo mente-corpo, relacionando-se com o desenvolvimento da personalidade, do inconsciente e das relações entre o físico e o moral (Ey, 1969).

Quando nos referimos aos quadros neuróticos, estamos falando preferencialmente de quadros vinculados a angústia, de forma patológica, que limita as possibilidades de existência do indivíduo e que se manifesta das mais variadas formas possíveis. A abordagem do fenômeno pode ser realizada de formas diversas considerando-se quer o modelo puramente descritivo e compreensivo, baseado nos sintomas psicológicos observados, representativo do chamado mundo 2 de Popper (1991) representativo das experiências subjetivas onde são encontradas a consciência de Eu e da Finitude e a Morte. O fenômeno pode ser estudado de acordo com a exploração do chamado mundo 1 de Popper (1991), característico dos seres vivos em sua estrutura material, estudando-se a ansiedade a partir de seus mecanismos biológicos, com alterações metabólicas a nível celular. E, é claro, pode ser compreendido a nível do chamado mundo 3 de Popper (1991), característico da linguagem humana e das teorias referentes ao Eu e a Morte, dentro das quais se inserem as abordagens psicanalíticas e as quais está intimamente ligado o conceito de neurose.

Dessa maneira, um mesmo evento pode ser pensado de acordo com experimento realizado com animais através de mecanismos de condicionamento, estudos genéticos em gêmeos e estudos de respostas fisiológicas em quadros ansiosos (Marks, 1973). Pode ser estudado também a partir do conceito de angústia como percepção do

Nada e da finitude da vida humana que tenta se ocultar sob a fria fachada do tédio e da falta de perspectiva da vida. Assim ela é vista como um ataque lesivo a possibilidade do estar-aí (dasein) humano (Boss, 1971). Ou então, que o mecanismo da neurose de angústia pode ser buscada no desvio da excitação sexual somática, do psíquico, e em consequência aproveitamento anormal da dita excitação (Freud, 1967).

Claro está que tão discrepantes concepções não poderiam estar agrupadas em um mesmo conceito.

Mesmo quando o DSM III-R as coloca em categorias diagnósticas diferentes, embora consideramos que tal fato seja uma evolução em relação a uma tentativa de concepção não sistematizada da questão, somos obrigados a considerar que a forma pelos quais os mesmos são caracterizados parece-nos extremamente simplista e mecanicista, favorecendo concepções rasas do existir humano.

A questão do conceito "neurose" a nosso ver é eminentemente metodológica mas que envolve de modo profundo o conceito em questão e, mais ainda a questão mente-corpo.

Esse problema é a própria questão da Psiquiatria, o cerne de uma especialidade que interage com a filosofia, psicologia e filosofia.

Assim, é em Descartes a origem da questão. O pensador francês admite dois graus de ser, espírito e matéria, embora a realidade não-espiritual possa ser reduzida a conceitos puramente mecânicos e todo acontecimento comporte explicações mediante leis mecânicas passíveis de serem calculadas. É assim, um pensamento mecanicista e ao mesmo tempo subjetivista, uma vez que tem que o ponto de partida da filosofia é o pensamento, o que embasa a questão mente-cérebro (Bochenski, 1968).

Leibniz (1646-1716), do grupo de pensadores racionalistas, esboça a idéia do paralelismo psicofísico no qual mente e corpo são diferentes formas da realidade que coexistem em harmonia, embora não se influenciem (Goodman, 1991).

Por outro lado Hobbes (1588-1679) advoga a teoria materialista na qual a realidade é uma realidade física e a realidade não-física, que consiste em fenômenos psíquicos, não existe. Assim, o corpo material é a única realidade. Essa teoria vai envolver três vias básicas para a compreensão dos fenômenos mentais:

- 1) o mental é redutível ao físico e pode ser totalmente explicado pela análise dos processos físicos;
- 2) os fenômenos mentais são epifenômenos secundários a efeitos acidentais dos processos físicos;
- 3) os fenômenos mentais emergem de fenômenos físicos (Goodman, 1991).

Finalmente a teoria de Spinoza (1632-1677), também do grupo dos pensadores racionalistas, mantinha que os processos cerebrais e os estados mentais eram uma mesma coisa ou diferentes formas de compreender-se a mesma coisa.

Assim, temos que a questão conceitual das neuroses é bastante complexa, independentemente da postura por nós adotada.

Se consideramos somente a questão de nomenclatura já nos deparamos com o problema descrito anteriormente por Schneider de que o termo "neurose" em si é inadequado, uma vez que não se constitui em "uma doença dos nervos" e sim em um quadro psíquico.

Por outro lado a noção de "quadro psíquico" traz a tona o problema de relação mente-corpo que permeia toda a visão psiquiátrica derivada da visão racionalista de Descartes e assim, vai apoiar-se em um edifício teórico que não pode ser contestado enquanto utilizamos o termo. Assim, as noções de inconsciente e conflitos como fatores geradores de angústia que, elaborada através de mecanismos de defesa do Ego estruturando a sintomatologia neurótica passam a ser de fundamental importância para a manutenção do termo. Da mesma maneira, se pensarmos as bases biológicas unicamente, e aí, a meu ver talvez estejamos retornando (embora dentro de um arco mais aberto na espiral evolucionista) ao contexto de "doenças dos nervos" não enquanto substrato anatômico mas sim enquanto substrato funcional mediado por neurotransmissores.

Ambas as visões parecem-me pecar pelo reducionismo e pelo embasamento materialista e empirista, conforme cita Bochenski (1968).

Esse tipo de fenômeno talvez tenha que ser compreendido dentro de uma abordagem mais ampla que talvez possa ser pensada através da teoria da indentidade orgânica (Goodman, 1991).

Nessa concepção, uma certa classe de eventos pode ser referida por dois tipos de termos, físicos e mentais. Cada um desses termos fenomenais é associado com sua própria maneira de conhecer a experiência. Assim, os fenômenos em si não são inerentes nem ao físico nem ao mental mas a forma de percebê-los ou conceitualizá-los é que pertence a uma ou outra das categorias.

Essas classes podem ser definidas de maneira diferentes. As físicas como a sorte de objetos e processos que podem ser descritos em conceitos linguísticos e em bases de observação intersubjetiva. São então associadas a estados confirmáveis intersubjetivamente.

Diretamente, os termos mentais são associados a estados somente confirmáveis subjetivamente. Ambos os estados podem ser vistos não como tipos diferentes de realidade, mas sim como linguagens ou mesmo sistemas conceituais associados a diferentes formas de conhecimentos e experiência. Dessa maneira estruturam-se dois tipos de conhecimento, um objetivo, com conhecimento das propriedades intrínsecas e o conhecimento de mecanismos causais (Goodman, 1991), providenciado usualmente pelas ciências naturais, mas principalmente pelas visões materialistas e mecanicistas do homem. Outro dado pelas experiências subjetivas como consciência delas próprias.

A idéia de uma teoria unificadora seria exatamente poder referir que termos mentais e correspondentes físicos têm referenciais idênticos.

Ora, é exatamente essa falha que podemos observar no conceito de neurose que, além de inespecífico parte de uma contextualização dualista.

Essa questão dos estados pode ser pensada ainda com eles podendo ser convertidos não somente como se fossem linguagens diferentes, mas sim como tipos categoriais e lógicos diferentes. Entretanto, manteriam uma correspondência entre si.

Essa teoria, que a meu ver questionaria a própria concepção de neurose enquanto termo limitado a uma visão dualista, mecanicista e empirista, pode ser representada por um diagrama hierarquizado, que se estende verticalmente dos níveis subatômicos até a biosfera. No meio dele, tendo abaixo um nível fisiológico representado pelo sistema nervoso e acima subordinado ao nível do contato interpessoal temos o nível da pessoa, do indivíduo, caracterizado pelo comportamento e pela experiência. O comportamento, conforme já dissemos é um conceito físico, representando o conhecimento por descrição e confirmável intersubjetivamente. A experiência é um conceito mental, representado diretamente e confirmável subjetivamente. Assim, embora a experiência relacione-se com processos fisiológicos, sendo deles emergentes, constitui-se como uma entidade autônoma.

As consequências dessa concepção sob o ponto de vista teórico são grandes, uma vez que conforme já dissemos abolem, ou tentam abolir a dualidade mente-corpo representada psiquiatricamente pela questão orgânico-funcional na qual o conceito de neuroses se insere de forma profunda.

Dessa maneira temos que pensar numa relação constante entre ambos os aspectos, com um gerando o outro e vice-versa, sem que se possa estabelecer uma escala pré determinada de importância.

Cada evento ou processo envolve na etiologia, patogênese, manifestações e, em consequência, em seu tratamento, aspectos biológicos e psicológicos. É óbvio que variam-se os graus de adequação em caracterizar e explicar as diferentes síndromes psiquiátricas, mas isso mais do que uma característica do problema em si é uma falha no sistema conceitual.

Assim, as condições neuróticas não são menos orgânicas que a esquizofrenia ou doenças afetivas, fato aliás tangenciado, ainda que de forma diferente pela abordagem de Schneider (1976). Essas somente são consideradas "mais orgânicas" devido ao fato de apresentarem mais evidências conhecidas de aspectos biológicos, que têm sido confirmados intersubjetivamente de forma mais clara.

A própria questão da herança não pode ser vista como um mecanismo causal nas doenças psiquiátricas mas sim, da forma como descrita por autores mais antigos, como a predisposição para o desenvolvimento de determinados eventos (Goodman, 1991). Isso parece ser verdadeiro não somente para as neuroses como para todas as demais doenças mentais.

Embora pensemos usualmente em termos lineares, acredito que os fenômenos descritos sob o nome de neurose compreendem predisposição para o desenvolvimento de:

- temperamentos variáveis, incluindo nível de atividade, ritmicidade e regularidade, tendências à aproximação, adaptabilidade, responsividade, qualidade de humor, atenção;

- estilo cognitivo (análise globalizada ou de detalhes);
- introversão X extroversão;
- precursores das funções do ego incluindo tolerância afetiva, controle de impulsos e habilidades integrativas.

Provavelmente estudos mais acurados mostrarão, não uma base biológica, mas sim esquemas linguísticos e conceituais que permitirão descrever e compreender os aspectos biológicos de processos eminentemente mentais.

Dessa maneira, o conceito de neurose, assim como o de distúrbios de personalidade, onde atualmente muitos deles se localizam de acordo com as mais recentes tendências classificatórias, é bastante controverso, e mesmo criticável.

Não que o termo distúrbio de personalidade melhore o delineamento do problema, mas ele simplesmente se atém a um modelo descritivo que, embora consideremos pobre, e que impossibilite, de "per si" a compreensão do fenômeno, dá a possibilidade de, dependendo do psiquiatra em questão, se remeter ao mesmo dualismo materialista proveniente do século XVII ou tentar fazer uma abordagem mais ampla de compreensão do Ser enquanto unidade.

SUMMARY

The author criticizes the notion of neurosis as being due the separation of the body-mind concept, regarding as vague and arising out the theoretical views with is associated.

Bibliografia

1. APA - Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais, São Paulo, Ed. Manole, 1989.
2. BOSS, M. - Angústia, Culpa e Libertação, São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1971.
3. EY, H.; BERNARD, P. BRISSET, C. - Tratado de Psiquiatria, Barcelona, Ed. Toray-Masson, 1969.
4. FREUD, S. - Ensayos sobre vida sexual y la teoría de las neurosis, Obras Completas, Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1967.
5. GEBSATTEL, V.E.F. - Antropología Médica, Madrid, Ed. rialp, 1966.
6. GOODMAN, A. - Organic Unity Theory: The Mind-Body Problem Revisited, Am J. Psychiatry, 148(5):553-563, 1991.
7. MARKS, I. - Research in neurosis: a selective review. Psychological Medicine, 3:436-454, 1973.
8. POPPER, K.R.; ECCLES, J.C. - O Eu e seu Cérebro, Brasília, Ed. UnB, 1991.
9. VOLLMER FILHO, G. - Diagnóstico das Neuroses - Histórico e Conceitos Atuais, Rev Psiquiatria do Rio Grande do Sul, VII(2):95-97, 1985.
10. WENDER, P. - Biopsiquiatria, São Paulo, Summus Ed., 1981.